

RESENHA

LÓPEZ FÉREZ, Juan Antonio. 2015.
Teorías de Galeno sobre el semen femenino.
Universidad Autónoma de Mexico.

RODOLFO JOSÉ ROCHA RACHID*

Universidade de São Paulo

D.O.I. 10.11606/issn.2358-3150.v19i1p201-206

AUTOR DE EXTENSA E RECONHECIDA OBRA NA ÁREA DOS ESTUDOS CLÁSSICOS, especialmente no âmbito da tragédia grega, Juan Antonio López Férez vem examinando nos últimos anos a profícua produção textual de Galeno, médico de Pérgamo do século II da Antiguidade tardia, ressaltando seus nexos com a tradição científica, literária e retórica gregas. No presente trabalho, López Férez circunscreve sua análise em torno do desenvolvimento dos estudos sobre a anatomia humana, demarcando-a em dois momentos, de modo que no primeiro López Férez revisa como no período arcaico relativo ao século VI a. C. pensadores gregos, dentre os quais se destacam filósofos, médicos, teóricos da natureza, pensaram o interior do corpo humano mediante a simples analogia com características visíveis atestadas na fisiologia dos animais, ao passo que no segundo o autor examina o interesse de Galeno pela anatomia e fisiologia do corpo animal com êxitos notáveis, à medida que o médico pergamense pensa e escreve sobre as partes internas do ser humano, território em que se via constrangido pelo peso da autoridade de escritores canônicos, como Platão, Hipócrates, Aristóteles, Fílon, Alexandre de Afrodísia. Somente na Alexandria dos Ptolomeus, propriamente a partir do século III a. C., se afere a prática da anatomia, uma vez que médicos pioneiros realizaram provas anatômicas, utilizando cadáveres e, frequentemente, pessoas condenadas à morte. No decurso de séculos, os estudiosos da medicina explicariam as características visíveis mediante as prováveis analogias com as realidades manifestas do corpo animal.

* Doutor em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (2008).

Aristóteles constitui o principal testemunho doxográfico dos filósofos pré-platônicos no que concerne à geração do embrião e a sua posterior diferenciação em gêneros. Em *Sobre a geração dos animais* o Estagirita parte de um dado empírico, já que nos animais mais perfeitos o masculino e o feminino estão separados de acordo com as suas potências (*dunámeis*), enquanto para Anaxágoras e outros fisiólogos pré-platônicos a diferença entre os gêneros existe de imediato nos espermatozoides, de modo que o sêmen (*tò spérma*) procede do macho (*ek toû árrenos*) e, por sua vez, a fêmea, potência passiva, oferece o lugar, recipiendária da potência ativa. Para Empédocles, a diferença se realiza no útero, haja vista que os espermatozoides introduzidos em uma matriz quente produzem o elemento masculino e aqueles introduzidos em uma matriz fria produzem o elemento feminino. Os investigadores do século xx denominam, por um lado, teoria da pré-formação a tese defendida por Anaxágoras e até mesmo por Platão e, por outro, teoria panespermática ou pangenética aquela postulada por Demócrito, a qual se impôs no *Corpus Hippocraticum*.

No segundo capítulo, López Férez elucida a origem do sêmen, considerando os sérios problemas filológicos, uma vez que boa parte dos testemunhos indiretos sobre os autores pré-socráticos provêm de escritores bastante tardios. Escrutinando as fontes, o autor expõe que de acordo com uma corrente de pensamento persa chamada teoria encefalogenética o sêmen se origina do cérebro, atestada em um fragmento transmitido por Diógenes Laércio, asseverando que, conforme Pitágoras, o sêmen é uma gota de cérebro, contendo em si vapor quente. Alcmeon de Crotona, a partir do testemunho de Aécio, define que o sêmen é uma parte do cérebro (*enképhalou méros*). A escola médica de Crotona, situada na Magna Grécia, construiu todo um sistema no qual o sêmen devém do cérebro e da medula espinhal e cujas especulações podem ser amplamente aferidas por médicos hipocráticos em tratados como *Sobre os ares, águas e lugares* e *Sobre a geração*, refletindo ao longo do século iv a. C. em autores como Platão e Diócles de Caristo. Entre os hipocráticos predomina, todavia, como López Férez salienta a teoria panespermática ou pangenética, defendida pelos atomistas, especialmente por Demócrito, para quem o sêmen provém dos ossos, carne e nervos. No tratado hipocrático *Sobre a geração* a panespermia está associada à teoria dos humores, relacionados ao elemento sanguíneo, biliático, aquoso e fleumático. Além das duas anteriores, a teoria da pré-formação e a panespermática, a teoria hematogenética afirma que o sêmen decorre do sangue mediante um processo de coação, verificando-se em Diógenes de Apolônia e, de modo sistemático, em Aristóteles no seu tratado *Sobre a geração dos animais*. Segundo López Férez, o Estagirita, partindo de um dado empírico, a saber, que os animais grandes têm poucos filhos, estipula que o sêmen é um

resíduo útil proveniente da nutrição, participando da alma nutritiva, pertencente às plantas e aos animais, e da alma sensitiva, pertencente apenas aos animais. Herófilo de Calcedônia, médico alexandrino dos séculos IV–III a. C., baseando-se em razões anatômicas, aceitou os postulados aristotélicos sobre a origem sanguínea do sêmen, conforme anuído no fragmento intitulado *De Semine*, associando-se à explicação hematogénica.

No terceiro capítulo se circunscreve a questão se há o sêmen feminino a partir da doxografia tardia relativa aos autores pré-socráticos como Alcmeon, Parmênides, Demócrito e Hípon. Determinadas passagens do corpo hipocrático examinam a ejaculação feminina, sendo que poucos manifestam com evidência a possível existência do sêmen feminino. No *De Natura Puerilis* de Hipócrates se afere que o sêmen da fêmea é mais débil e úmido que o do macho, referindo-se ao sêmen como *gonê* e não como *spërma*, tal como comumente se lê, de sorte que prevalece na gênese do infante a quantidade, pois se o sêmen fluido é mais abundante que o forte, este é vencido, transformando-se em feminino, tendo se mesclado com o débil, ao passo que se o sêmen forte resulta mais abundante que o débil, este é, por sua vez, derrotado, convertendo-se em masculino. Tanto Diócles de Caristo, médico relevante do século IV a. C., quanto Herófilo, médico alexandrino, postulavam também, adverso ao Estagirita, a existência do sêmen feminino.

López Férez evidencia, no quarto capítulo dedicado exclusivamente a Galeno, que o médico de Pérgamo tratou dos testículos femininos em inúmeros escritos de sua vasta produção textual, cuja palavra grega *órcheis* pode ser aferida em autores diversos como Heródoto, Sófocles e Aristófanes. No *De Semine* se verifica que os testículos femininos situam-se no útero, recebendo uma espiral de vaso (*aggeion hélíka*) semelhante à dos machos, enquanto no *De uteri dissectione* se observam que os mesmos testículos, menores em relação aos dos machos, se localizam nos lados dos úteros, cujos condutos espermáticos são também pequenos. No *De Semine* Galeno alude que, quando se cortam os testículos masculinos sem roçar o epidídimo, parte do conduto espermático situado na borda posterior de cada testículo, o mesmo conduto seminal não é afetado, porém o animal perde toda a capacidade de produzir sêmen e, ademais, seu valor e a sua masculinidade. Galeno inquire também sobre a natureza do sêmen, tanto o masculino quanto o feminino, ao mesmo tempo em que expõe suas ideias, remetendo-as às opiniões de médicos e filósofos, de seus predecessores assim como de seus coetâneos.

Em seus tratados Galeno realiza a invectiva contra os pré-socráticos, notadamente Empédocles que concebia o sêmen formado de partículas elementares procedentes de todas as partes do corpo, unidas em virtude de princípios ativos chamados amor e discórdia (*éros* e *neîkos*), referindo-se, sobretudo, às teorias do *corpus* hipocrático e aos postulados filosóficos, preci-

puamente aqueles defendidos por Platão e Aristóteles. López Férez procede à descrição do tratado *De Semine*, distribuído em dois livros, concentrando-se no livro pertinente ao sêmen feminino, na medida em que o médico de Pérgamo se detém na anatomia e fisiologia dos órgãos da geração do feto, descrevendo como se produz o sêmen, abordando a função respectiva do sêmen masculino e feminino, assim como do sangue menstrual para a formação do feto, examinando as etapas sucessivas de seu desenvolvimento, ocupando-se das causas determinantes da classe, sexo e traços individuais. No livro segundo Galeno refuta Ateneo, Herófilo e Aristóteles, para quem não há sêmen feminino. Adverso ao Estagirita, o médico pergamense defende que a semelhança entre a mãe e seus filhos se deve notoriamente à superveniência do sêmen materno nestes. Para Galeno, o sêmen feminino possui três usos correlatos à produção do desejo sexual, à geração da membrana alantoide e à preparação do alimento para o sêmen masculino. Uma vez que a mulher produz sangue para alimentar o feto, seu temperamento resulta frio e úmido e seu sêmen imperfeito e ingênito, necessitando do calor próprio do sêmen masculino. Galeno examina as semelhanças das partes do ser engendrado com as partes de seus progenitores, insistindo na diferenciação entre o masculino e o feminino mediante a disposição do feto no útero materno, de sorte que o feto situado no lado direito, por ser mais quente que o esquerdo, será masculino, enquanto o situado no lado esquerdo, por ser mais frio, será feminino.

Juan Antonio López Férez evidencia a relevância concedida por Galeno à história das ideias filosóficas e médicas, elencando os autores e textos nos quais se apóia como o *corpus* hipocrático, Platão, Aristóteles e Marino, conspícuo médico que ensinou em Alexandria no início do século II d.C., assim como os autores que refuta como Empédocles, o próprio Estagirita, Herófilo, Estratão de Lámpsaco, sucessor de Teofrasto na escola peripatética, e Ateneo. No *De Semine*, Galeno concentra sua invectiva, especialmente no livro segundo, ao postulado aristotélico e de outros autores sobre a inexistência do sêmen feminino, expondo os dados empíricos relativos à anatomia de certos animais, defendendo a ideia, a partir do *corpus* hipocrático, de que o sêmen destes progenitores permanece no útero materno, compacto, aumentando o tamanho quando recebe o calor do sêmen masculino. O médico pergamense, manifestando seu opróbrio àqueles que rejeitam a existência do sêmen feminino, recorre a silogismos hipotéticos e categóricos a fim de demonstrar a tese contrária mediante demonstrações científicas (*apodéxeis epistemonikài*), colhidas da lógica aristotélica, especialmente dos *Analíticos Posteriores*. Galeno sustenta que todo animal é gerado a partir de matéria e poder (*ex hýles kai dynámeos*); o sêmen e o sangue menstrual participam de ambos os princípios, porém o sêmen possui um poder mais

ativo enquanto o sangue menstrual detém o princípio material. A reprodução procede do intercurso sexual, à medida que, de acordo com Galeno, o sêmen feminino é mais úmido e frio, ao passo que o sêmen masculino é mais quente e seco, porquanto se neste não é possível haver resíduo sanguíneo, uma vez que há o processo de ressecamento devido aos poderes supervenientes, naquele falta algo para a perfeita elaboração do sêmen, fazendo-se necessários a frialdade e a umidade do sêmen feminino e o calor e a secura do masculino para enfim modelar o rebento. No *De Semine*, o pergamense avalia a semelhança entre os gêneros, justificando-a em razão da mescla (*krâsis*), cujo substantivo presente em Safo e Ésquilo, entre outros, adquiriu singular relevância na formulação da teoria dos quatro humores (bílis, bílis negra, fleugma e sangue), atestada de forma incipiente entre os hipocráticos, de sorte que da predominância de um deles sobre os outros sobrevêm quatro classes de constituição, correlatas à biliosa, melancólica, fleumática e sanguínea.

No *De usu partium, Sobre a utilidade das partes*, tratado relevante para o *corpus* galênico, especialmente no décimo quarto livro, o médico pergamense analisa os órgãos da geração, extraindo considerações importantes relativos ao processo de fecundação do ser, empregando um vocabulário extensamente consolidado no pensamento filosófico ático. Reiteradamente, Galeno demonstra que tanto o sêmen masculino quanto o feminino possuem o princípio do movimento (*kinéseqs archén*), termo aferido em Platão e Aristóteles, possibilitando-os se mesclarem a fim de formar o embrião. No tratado *De locis affectis, Sobre os lugares afetados*, Galeno analisa a afecção denominada apneia (*âpnoia*), propondo-se examinar suas causas correlatas à retenção do sêmen devido à privação do intercurso sexual. Tal fenômeno se observa em viúvas, pois retendo o sêmen e as menstruações, produzir-se-iam as disposições chamadas uterinas (*tâs hysterikâs onomazoménas hysterikós*), cujo substantivo *hysterikós* se relaciona propriamente ao útero, porquanto os termos *hystéra* ou *métrá* são vertidos em latim como *uterus*. Os primeiros a empregar o adjetivo *hysterikós* são os tratados hipocráticos e Aristóteles, de modo que na literatura ulterior é um término utilizado por numerosos médicos. Galeno o emprega trinta e quatro vezes, aplicando-o a distintas afecções relativas à mulher, como apnéias, sufocos, espasmos e outros males. Adverso a Aristóteles, que concebia a mulher como potência passiva (*pathetiké dynamís*) ante o homem, visto como potência ativa (*poietiké dynamís*), reiterando o liame professado pelo Estagirita entre embriologia e política, Galeno entende a mulher e a relevância do sêmen feminino como complementares à atuação do homem e do sêmen masculino no processo de gêneses, não concedendo à mulher apenas um papel subordinado na atividade demiúrgica.

No quinto e último capítulo relativo a algumas indicações sobre a teoria do sêmen feminino depois de Galeno, López Férez reitera a firme oposição estabelecida entre a consideração aristotélica, correlata à inexistência do sêmen feminino, e galênica, referente à afirmação de sua existência, de modo que essa polêmica permaneceu viva ao longo dos séculos. No mundo grego se verificam vestígios do pensamento galênico em autores como Oribasio, Nemésio de Émesa, Aecio de Amida e Pablo de Egina. Na literatura árabe medieval, Avicena criticou o Estagirita, defendendo a existência do sêmen feminino, subordinando-o, todavia, ao masculino. Averroés se dedicou ao postulado do sêmen feminino ingênito enquanto Maimônides deixou em aberto sua possível existência. Não obstante, desde o século XII se produziu uma revivescência do pensamento aristotélico, destacando em primeiro lugar Alberto Magno, que refletiu sobre importantes questões médicas, especialmente no que tange ao sêmen feminino, propugnando que embora a mulher não produza sêmen, há um sêmen feminino não interveniente na geração do novo ser. Em um tratado de fins do século XIII e início do XIV, *De secretis mulierum*, provavelmente escrito por um discípulo de Alberto Magno, obra bastante difundida na Europa da época, se menciona reiteradamente o sêmen feminino, mas com certa ambiguidade terminológica, confundindo-se com a própria menstruação. Durante o Renascimento há a superveniência dos postulados galênicos sobre o sêmen feminino nos séculos XVI ao XVIII em escritores médicos e, sobretudo, religiosos. Um estudo recente examina como se refletem as teorias de Galeno sobre o sêmen feminino em vários autores ingleses do século XVII, de modo especial em Helkiah Crooke, *Microcosmographia: a description of the body of man*. No entanto, a teoria do sêmen feminino, estabelecida a partir de Galeno, foi definitivamente superada, conforme López Férez, nos primeiros anos do século XIX, quando se firmaram as bases científicas da embriologia.

Mediante a análise do postulado da possível existência do sêmen feminino, propugnada no *corpus* galênico, e de sua oposição à tese aristotélica de sua inexistência López Férez deslinda um amplexo de termos e noções que evidenciam um firme nexos entre as tradições médica, filosófica e retórica, elaborando um trabalho que ilumina o vasto repertório literário e científico do médico pergamense e de sua contribuição para o discurso científico e metafísico da Roma Imperial.

*